

## **SUMI-Ê – Arte Milenar Japonesa**

Em 2008, os cientistas Yoichiro Nambu, Makoto Kobayashi e Toshihide Maskawa ganharam o Prêmio Nobel de Física por suas contribuições nas pesquisas sobre a origem e o mecanismo de quebra espontânea de simetria no campo da física subatômica.

Também no ano passado comemoramos os cem anos da imigração japonesa, iniciada com a chegada do Kasato Maru, primeiro navio a trazer trabalhadores do Japão para o Brasil. Três gerações depois os brasileiros descendentes desses imigrantes formam uma comunidade de cerca de 1.500.000 pessoas, influente nos diversos setores do país.

Atualmente, observa-se um interesse crescente pela língua e cultura japonesa por parte de estudantes universitários brasileiros não descendentes de japoneses, muitos dos quais desejariam realizar suas pós-graduações no país do sol nascente. Quem procurar inscrever-se em um curso extracurricular de japonês na UFSC irá surpreender-se com o número de turmas lotadas de jovens e conhecerá, por exemplo, os intercâmbios científicos e tecnológicos entre a UFSC e universidades japonesas.

Estes eventos nos inspiram a apresentar o Sumi-ê na seção Literatura, Arte e Ciência deste número da Revista Alexandria.

A prática do Sumi-ê surgiu nos mosteiros budistas da China durante a dinastia Sung (960 a 1274 d.C.) com uma temática essencialmente religiosa. Importada pelo Japão no século XIV, essa forma de pintura monocromática impôs-se como arte independente a partir do século XV.

O Sumi-ê possui traços semelhantes aos da caligrafia (Shodô) e usa praticamente os mesmos materiais: o suzuri, recipiente de pedra para preparar a tinta; o sumi, carvão em forma de bastão, à base de fuligem da queima do óleo de sementes ou da resina do pinheiro; o mohitso, pincel de pelos de animais e o papel, geralmente feito do arroz, da polpa do bambu ou da fibra de juta. Estes materiais são denominados Os Quatro Tesouros da China.

A ilustração abaixo mostra as formas básicas utilizadas no Sumi-ê, que simbolizam as quatro estações do ano, chamadas também Os Quatro Nobres Cavaleiros (Shikunshi). A orquídea selvagem (A) representa a primavera, o bambu (B) o verão, o crisântemo (C) o outono e a flor de ameixeira (D) o inverno. Na prática rigorosa dessa arte, todos os outros modelos na natureza podem ser reduzidos à sua forma mais despojada utilizando-se os traços das formas básicas.



A



B



C



D

Como não podemos deixar de mencionar também a poesia em verso, seguem-se alguns haikai de Matsuo Bashô (1644-1694) relacionados com o ciclo das estações, escolhidos da antologia organizada por Jorge de S. Braga.

*Abrindo de par em par  
as portas do palácio  
A PRIMAVERA*

*O velho tanque  
Uma rã mergulha  
dentro de si*

*Extingue-se o dia  
mas não o canto  
da cotovia*

*Chuva de verão:  
até os groux se queixam  
de terem as pernas curtas*

*Num atalho da montanha  
sorrindo  
uma violeta*

*A mesma paisagem  
escuta o canto e assiste  
à morte da cigarra*

*Outono –  
Empoleirado num ramo seco  
Um corvo*

*A pequena lagarta  
vê passar o outono  
sem pressa de se tornar borboleta*

*Admirável aquele  
cuja vida é um contínuo  
relâmpago*

*Primeiro aguaceiro de inverno  
Meu nome será:  
vagabundo*

*Um vento glacial sopra  
Os olhos dos gatos  
pestanejam*

*Deixem-me caminhar  
Até que tropece e desapareça  
na neve*

**Nadir Ferrari**